



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ARIANE NASCIMENTO DAS CHAGAS

PRODUÇÃO DE TEXTOS ACADÊMICOS X CAPITAL CULTURA

RIO DE JANEIRO

2020

ARIANE NASCIMENTO DAS CHAGAS

PRODUÇÃO DE TEXTOS ACADÊMICOS X CAPITAL CULTURAL

Monografia apresentada no curso de graduação, da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito
parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia

Orientador Prof. Dr. Marcelo Macedo Corrêa e Castro

RIO DE JANEIRO

2020

Ata de defesa de monografia.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DE PEDAGOGIA

ATA DA SESSÃO DE DEFESA DE MONOGRAFIA

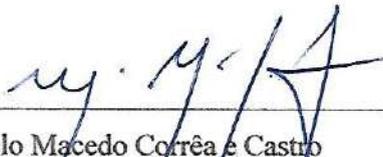
Aos catorze dias do mês de agosto de 2020, com base na Resolução CEG nº 02, de 15 de abril de 2020, reuniu-se em sessão remota, que foi gravada, a Banca Examinadora da Monografia intitulada: Produção de textos acadêmicos x capital cultural, de autoria da graduanda Ariane Nascimento das Chagas, DRE 113088563, do Curso de Licenciatura em Pedagogia. A Banca, participando por videoconferência, foi constituída pelos professores: Luciene Cerdas, Rejane Maria de Almeida Amorim e Marcelo Macedo Corrêa e Castro, este na condição de orientador e presidente da sessão. Às 10:20 h, a sessão foi aberta, convidando-se a candidata a fazer breve exposição sobre a monografia em julgamento e concedendo-lhe o prazo máximo de 20 minutos. Finda a exposição, passou-se a palavra aos participantes da Banca Examinadora, esclarecendo-se que cada um deles dispunha de até 10 minutos para sua arguição e que a candidata dispunha do mesmo tempo para as respostas. Ao final da arguição, a Banca Examinadora analisou e decidiu reservadamente sobre a Monografia apresentada. A seguir, o presidente comunicou que a Banca Examinadora considerou a monografia aprovada com a nota sete (7,0). O presidente da Banca Examinadora deu por encerrada a sessão às 12:15 h. E, para constar, eu, Marcelo Macedo Corrêa e Castro, lavrei a presente ata que foi assinada por mim representando todo os membros da Banca e o/a candidato(a).

Marcelo Macedo Corrêa e Castro – orientador

Luciene Cerdas – professora

Rejane Maria de Almeida Amorim – professor

Ariane Nascimento das Chagas – candidata



Marcelo Macedo Corrêa e Castro
Presidente da banca

DEDICATÓRIA

Dedico, este trabalho primeiramente à Deus, por me ajudar a chegar ao final da graduação. Dedico também, a minha família, meus irmãos, cunhadas e sobrinhos, especialmente aos meus pais Almir e Ana Lucia, pela educação, por todo cuidado, durante a minha vida, até minha entrada na universidade e também pelas orações, a minha irmã Ana Clara pela ajuda, incentivo e apoio durante o percurso do curso de pedagogia, ao meu sobrinho Miguel de 8 anos, que usava empiricamente durante as pesquisas acadêmicas.

Dedico o TCC, a amiga Sandra Brandão, pelo incentivo, auxílio, ajuda e orações, durante a graduação, a todos os professores e amigos, que caminharam comigo e que me auxiliaram diretamente ou indiretamente, quando precisei...

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, ao meu orientador Marcelo Castro, pela paciência, confiança e pelas palavras positivas e ajuda durante o desenvolvimento da monografia. Agradeço, a minha amiga, Sandra Brandão, pela ajuda na formatação da monografia e revisão. Agradeço a minha irmã Ana Clara, pela revisão da monografia.

*Seria uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes
desenvolvessem uma forma de educação que
proporcionasse às classes dominadas
perceber as injustiças sociais
de maneira crítica.*

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho apresenta a relação da escrita acadêmica, com a teoria do Capital Cultural, do autor Bourdieu. Capital esse hegemônico, onde a classe dominante, lidera sobre a classe popular, gerando desigualdades sociais, essas desigualdades sociais afetam o ensino do educando da classe dominada. Pois os estudantes das classes mais favorecidas têm um capital Cultural aprimorado, trazendo consigo uma linguagem, conhecimento, informações e habilidades que são ensinadas desde a infância, por sua família, e pelas instituições escolares do qual pertencem. Ampliando a desigualdade no ensino escolar, porque o conteúdo que é ensinado na escola, traz em si, a linguagem, informações, conhecimento, e habilidades, das classes mais favorecidas, como já falado acima, fazendo com que esses alunos das classes dominantes, se destaquem no ensino. Ocorre também que muitas vezes a educação da classe popular, tem um conteúdo resumido, falta de professores, falta de um ambiente adequado, enfim não é oferecido a essa classe, a mesma equidade na educação. E quando este indivíduo pobre entrar na Universidade pública, sem o Capital Cultural da elite, seu esforço para se destacar é bem maior do que os alunos que tiveram uma educação elitizada. Essa dificuldade na Universidade se apresenta por meio da escrita não formal, sem clareza, e sem estrutura.

O trabalho foi realizado, a partir de entrevistas feitas com 8 estudantes, durante a aula da disciplina monografia, alunos estes das classes dominadas. Por meio deste estudo, nota-se que a falta desse Capital Cultural da elite, influencia ao ponto de a classe dominante ter um melhor desempenho na Universidade Pública, comparado com a classe que não possui esse Capital hegemônico. A desigualdade do ensino é percebida pelos alunos com um Capital Cultural inferior, tornando difícil e muitas vezes complexa a aprendizagem, por causa das lacunas na sua educação ao longo de sua existência, e demandando um esforço maior para sobressaírem nos estudos. Acredito que se a universidade tiver um olhar maior, e um acompanhamento por partes dos professores, por meio de uma disciplina de escrita obrigatório, ou optativa, desde o primeiro período até o último período, as desigualdades no ensino superior, não serão tão grandes assim.

Palavras-chave: Capital Cultural. Classe Popular. Ensino Superior. Estudantes.

SUMÁRIO

1.ELEMENTOS DO Estudo.....	9
1.1 Justificativa pessoal.....	9
1.2 Objeto.....	10
1.3 Objetivos	11
1.4 Questões.....	10
1.5 Metodologia.....	11
2.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
3.APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	18
Análise das entrevistas.....	22
4.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS	28
ANEXO I: Transcrição das entrevistas.....	29

1.ELEMENTOS DO ESTUDO

1.1 Justificativa pessoal

A pesquisa surgiu a partir das dificuldades que eu, enquanto estudante de pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tive para produzir textos acadêmicos. Conversando com alguns professores e alunos da Faculdade de Educação, percebi que esta dificuldade não fazia parte só do meu cotidiano acadêmico, mas de outros alunos do curso de pedagogia da UFRJ.

Para superar as dificuldades e diminuir esta desigualdade procurei auxílio de todos os lados dentro da própria universidade, refazendo os trabalhos acadêmicos que não tiveram uma nota considerável boa, através da COAA (Comissão de Orientação e Acompanhamento Acadêmico), acompanhamento acadêmico este, que poucos alunos conhecem por não ser divulgado. Após ter passado pela COAA fui encaminhada pela própria comissão para a Assistência Social da UFRJ.

Uma professora que dava aula para minha turma nos primeiros períodos da graduação, vendo minha dificuldade e minha busca por solução do problema, decidiu levar meus trabalhos acadêmicos para uma psicóloga analisar, para ver se eu tinha dislexia. Depois da análise feita, esta psicóloga afirmou que não tinha nada de errado na área psicológica, e esta docente chegou à conclusão de que essas dificuldades foram geradas pela minha educação básica, que não foi de qualidade.

Continuei procurando ajuda, um outro professor que também trabalhava com minha turma na Universidade sugeriu que eu procurasse um curso de redação na própria UFRJ, o qual é oferecido na Faculdade de Letras, um curso superconcorrido, pois não só os alunos podem participar do mesmo, mas a comunidade do entorno também. Fui conseguir uma vaga neste curso na terceira tentativa. O curso me ajudou a escrever um pouco melhor.

Agora estou concluindo a graduação e ainda não acho que escrevo academicamente. Tenho procurado ainda ajuda. Uma outra docente, formada em psicologia, que também me deu aula já nos períodos finais da graduação, observando essas dificuldades e conversando sobre minha escrita, disse que só a avaliação de textos acadêmicos feita por uma psicóloga não mostra se o educando tem dislexia. Ela abordou que eu deveria procurar ajudar na parte de fonoaudióloga na UFRJ. Então fui buscar ajuda nesta área de fonoaudióloga, e depois de passar por uma avaliação, a

fonoaudióloga concluiu que eu não tinha dislexia, mas que existia algo em meu psicológico que me impedia de avançar nos estudos. Após esse resultado a fonoaudióloga me encaminhou para a área de psicologia.

Sou filha de pais que estudaram em escolas públicas, e que não concluíram a educação básica, minha mãe estudou até o quinto ano, e meu pai até o nono ano do Ensino Fundamental.

Estudei a maior parte da educação básica em escolas públicas. O Capital que eu trouxe para a universidade, não auxiliava em minha escrita e leitura acadêmica, pois minha deficiência na escrita era grande no início da graduação. Por causa dessa dificuldade na escrita, decidi pesquisar mais a fundo, se a questão do Capital que o aluno traz em sua bagagem, influenciava no desempenho acadêmico, e se tinham mais estudantes que passavam pelas mesmas dificuldades para desenvolver, ler e interpretar os textos acadêmicos.

1.2 Objeto

O texto tem como objeto de estudo a relação entre o Capital Cultural e as dificuldades de leitura e escrita dos estudantes do curso de pedagogia da Faculdade de Educação da UFRJ.

1.3 Objetivos

Os objetivos do estudo são:

1. Investigar que relação os estudantes estabelecem entre o Capital Cultural com o qual ingressaram no curso e a leitura e a escrita acadêmica.
2. Identificar que meios eles buscaram para enfrentar as dificuldades da leitura e da escrita acadêmica.

1.4 Questões

Para o desenvolvimento da investigação, são propostas as seguintes questões aos estudantes:

1. Enfrentou dificuldades para produzir textos solicitados nas disciplinas? Em caso de resposta afirmativa, que dificuldades foram essas e até que ponto o seu Capital Cultural se relaciona com elas?
2. Que meios você buscou para enfrentar tais dificuldades?
3. Como, na sua percepção, as referidas dificuldades de escrita podem ser superadas?

1.5 Metodologia

As entrevistas foram realizadas através de um questionário, enviado pelas redes sociais WhatsApp, Facebook e e-mail. As entrevistas foram feitas com alunos concluintes da disciplina de Monografia, que é oferecida no oitavo período. Esses alunos foram selecionados por já terem uma bagagem acadêmica, deste modo, passaram por diversas situações que envolvem a escrita acadêmica durante a graduação.

Fui às turmas de Monografia da manhã e da tarde, para obter os contatos dos alunos que podiam contribuir com minha pesquisa. O total de alunos das duas turmas que concordaram em responder ao questionário foi de 26, mas realmente só obtive retorno das respostas de 8 graduandos. Busquei ver durante a análise das entrevistas se existia contradição nas respostas, e também se tinha uma relação nas dificuldades com escrita e o Capital Cultural.

2.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, apresentarei a fundamentação teórica do meu estudo. Para tanto, abordarei o conceito de Capital Cultural (Bourdieu) e estudos de Corrêa (2011) e Castro (2014).

Para Bourdieu (1984, p. 114),

O conceito de Capital Cultural- etimologicamente o mesmo que o cabedal ou conjunto de bens- é complexo. Além do econômico, que compreende a riqueza material, o dinheiro, as ações etc. (bens, patrimônio, trabalho), o capital cultural, que compreende o conhecimento, as habilidades, as informações etc., corresponde ao conjunto de qualificações intelectuais produzidas e transmitidas pela família, e pelas instituições escolares, sob três formas: o estado incorporado, como disposição durável do corpo (por exemplo, a forma de se apresentar em público); o estado objetivo, como posse de obras de arte; estado institucionalizado, sancionado pelas instituições, como os títulos acadêmicos; o capital social, corresponde ao conjunto de acessos sociais, que compreende o relacionamento e a rede de contatos; o capital simbólico, corresponde ao social, e que compreende o prestígio é uma síntese dos demais (cultura, economia e social).

As formas de Capital são conversíveis umas nas outras, por exemplo o capital econômico pode ser convertido em capital simbólico e vice-versa.

Com relação aos desafios enfrentados por alunos do curso de pedagogia na leitura e escrita na Universidade, trago inicialmente a leitura que fiz de Corrêa (2011), em **Os desafios enfrentados por alunos do curso de pedagogia na relação com a leitura e com a escrita na Universidade**, trabalho desenvolvido a partir de entrevistas feitas com alunos do quinto e do sexto período do curso de Pedagogia da UFRJ, nas disciplinas **Construção do Conhecimento da Língua Portuguesa 1 e Teoria e prática da alfabetização 2**, onde objetivo principal foi observar as dificuldades que os discentes encontravam com a leitura e produção de textos acadêmicos.

Por meio do referido texto, observei que as leituras que os alunos fazem durante a graduação são de grande contribuição para o seu aprimoramento como leitores, porque através dos textos científicos lidos obrigatoriamente durante a graduação, os alunos se tornam leitores de textos científicos até fora da Universidade. Fica claro também, por meio das falas de alguns alunos durante as entrevistas, que não sobra tempo para outras leituras que não são exigidas pela faculdade, por causa da quantidade de textos que os docentes solicitam que estes estudantes leiam.

Os próprios docentes relatam nas entrevistas que, durante sua graduação, liam muitos textos e, a partir desse relato dos professores da Faculdade de Educação, Corrêa (2011) mostra a relação que existe entre a questão da leitura, que os docentes fizeram na graduação, com a quantidade de leituras que seus alunos têm que ler, durante cada período.

Corrêa (2011) deixa claro que ler exige tempo e paciência, e que muitas vezes os docentes não conseguem aprofundar um teórico, por conta do tempo curto de duração das aulas. Os docentes têm que trabalhar com turmas muito cheias, e os alunos operam com muitas disciplinas durante o período, e ocorre que o professor de cada disciplina solicita a leitura de um texto, então o aluno começa a fazer uma seleção do que será lido por ele, e acaba não sobrando tempo para ler outros tipos de textos.

Corrêa (2011) deixa explícito que a escrita é uma forma de avaliar a leitura acadêmica dos alunos. A autora também fala que alguns docentes dão sugestões de textos para que os alunos leiam, e ocorre que, muitas vezes, os alunos até tiram Xerox destes textos sugeridos, mas não sobra tempo para ler. Tem aluno que lê tanto texto por ler, e acaba não absorvendo nada, não faz uma interpretação do que está lendo, e a maioria dos alunos só faz as leituras de textos quando tem que fazer uma resenha ou prova.

A fala de uma das alunas durante a entrevista de Corrêa (2011) revela que a entrevistada, não consegue dar conta de ler tantos textos, e que a não leitura dos mesmos antes da aula, dificulta a compreensão do assunto discutido. Uma outra aluna, durante a entrevista, diz que, segundo uma professora da Faculdade de Educação, para compreender um texto o discente deve ler o mesmo 5 vezes, e a aluna retruca que, se ela ler 5 vezes o texto de cada disciplina, não vai viver mais.

Nas entrevistas fica claro também que existem alunos da Faculdade de Educação que não gostam de ser obrigados a ler, gostam de ler sem obrigação, leem o que gostam. Entretanto há alunos que deixam claro em suas falas que gostam quando são obrigados a ler. Outros discentes falam que passaram a ler textos maiores na graduação e que levaram essa prática de leitura para fora da vida acadêmica.

Segundo Corrêa (2011), há alunos que dizem que, após entrarem na faculdade, passaram a ter um olhar mais crítico para sua escrita, não só com os textos produzidos na universidade, mas também com qualquer outro texto produzido por si fora da

Universidade. Muitos alunos relataram que tem professor que exige um trabalho acadêmico desde o primeiro período, mas não ensina como fazer este trabalho acadêmico, produzir essa escrita acadêmica, que não foi ensinada nem na educação básica nem na graduação.

Corrêa (2011) discorre que, cada professor pede uma resenha de um jeito, e o aluno acaba por ficar confuso em como fazer esse trabalho acadêmico. Grande parte dos professores da Faculdade de Educação cobram uma escrita que eles não ensinam como fazer e nem falam o que querem nos trabalhos acadêmicos.

Segundo a autora, alguns alunos acabam ficando desinteressados em relação ao curso por causa da forma traumatizante, que alguns docentes utilizam para corrigir os trabalhos acadêmicos: através de rabiscos, que mostram os erros do trabalho, como se nada do que foi escrito servisse, ou desse para ser aproveitado.

Com relação à escrita, parece-me pertinente defender que haja espaço dentro da universidade para a escrita exigida por ela mesma, já que está não é ensinada nem ao longo da educação básica, nem no Ensino Superior. Novas habilidades de leitura e de escrita devem ser ensinadas aos que ingressaram no curso de pedagogia, pois as habilidades necessárias para o domínio de gêneros discursivos próprios do Ensino Médio não se transfere automaticamente para a leitura de gêneros próprios do Ensino Superior. (CORRÊA 2011, p. 373).

A autora também deixa explícito que na Faculdade de Educação tem uma docente que ajuda esses alunos em sua escrita, ensinando regras gramáticas.

Corrêa (2011) deixa claro que há trabalhos acadêmicos, resenhas, que não são devolvidos, e desta forma o aluno não tem o retorno dos seus acertos e erros na escrita.

Segundo o relato de um aluno da Faculdade de Educação durante a entrevista, alguns estudantes fazem parte de um grupo de trabalhos acadêmicos, como na produção de uma resenha coletiva, mas não escreve nada, e só recebem nota porque estão inseridos em um grupo. Como o grupo faz todo trabalho mesmo sem ajuda de um integrante, o aluno que não contribuiu com sua escrita, acaba recebendo a nota também, e ainda existem aqueles alunos que só têm o trabalho de copiar e colar do Google, e recebem a mesma nota de um aluno que se empenhou em fazer os trabalhos acadêmicos. Para a autora, “Apesar de todas as dificuldades apontadas, os alunos buscavam o conhecimento na interação com os colegas, com outros textos e com os professores” (CORRÊA 2011, p. 372).

Por meio do texto da autora, podemos perceber que para se escrever um texto é necessário ser claro na escrita, no que se quer expor, tem que se basear em alguma teoria para que o texto tenha valor, respaldo. Corrêa (2011) afirma que a produção da escrita é mais complexa que a leitura desses textos acadêmicos: “É comum o argumento de alguns professores de que os alunos de graduação já deveriam ‘saber escrever’ quando chegam à universidade, sendo que a escrita exigida nesse espaço não é ensinada nem ao longo da educação básica, nem no Ensino Superior” (CORRÊA 2011, p. 366).

O texto de Corrêa (2011) fala que essa escrita, já que não é da educação básica, deve ser ensinada na educação superior, em todas as disciplinas.

A autora Corrêa revela em sua fala, que se os alunos tiverem o gosto pela leitura exigida durante o curso de pedagogia, somaria para sua formação. Pois professores que leem mais têm mais facilidade de trabalhar com seus alunos, em relação à leitura, formando alunos leitores. Essa escrita e leitura acadêmica deve ser ensinada na educação superior, em todas as disciplinas. Os alunos também precisam do feedback de seus trabalhos acadêmicos, para saber onde podem melhorar.

Muitas vezes, além do aluno ler o texto, tem que fazer um trabalho acadêmico, como uma resenha, o que é até bom, porque o aluno acaba lendo com mais cautela e absorvendo melhor o conteúdo.

Compreendo, enquanto estudante de pedagogia, que essas leituras acadêmicas ficam menos cansativas quando é um texto que me interesse. Às vezes, para se compreender um texto, é necessário ler mais de uma vez; tem texto que o aluno que foi inserido há pouco tempo na graduação não consegue ler sem antes fazer como se fosse uma tradução para a “língua dele”. Muitas vezes o aluno da graduação faz uma primeira leitura, identificando as palavras que não fazem parte do vocabulário dele, para só depois fazer uma leitura oficial; são meios que o aluno encontra; uma forma de se adaptar à leitura acadêmica.

Existem alunos que continuam a fazer essa tradução dos textos, até em períodos mais avançados, quando acham os textos complexos, por causa das palavras que não fazem parte do seu dia-a-dia.

Para mim, muitas vezes é o aluno que tem que correr atrás dessa escrita acadêmica dentro do curso e fora dele. Existem alunos que desistem da graduação por causa das dificuldades encontradas. Em contrapartida há alunos que buscam formas de não

ficarem para trás do resto da turma, em relação a essa escrita acadêmica; buscam ajuda em cursos para esta escrita mais formal. Inclusive, na UFRJ, na Faculdade de Letras, existem alguns cursos para aprimorar a escrita acadêmica, cursos de redação e de oficina da língua portuguesa, bastante concorridos, disputados tanto por alunos da UFRJ, quanto por moradores do entorno. Para fazer parte destes cursos o aluno da UFRJ, ou morador, deve participar de um sorteio, os alunos do curso de letras não precisam disputar a vaga do curso.

Percebo que alguns estudantes que possuem essa dificuldade para escrever academicamente, buscam auxílio dos professores, em contrapartida há graduandos que não procuram ajuda dos docentes, para não serem taxados como alguém pouco inteligente pelos colegas de classe. Boa parte dos docentes da Faculdade de Educação estão dispostos a auxiliar os alunos, orientando os mesmos a procurar ajuda de um especialista, na própria universidade, ou indicando cursos para melhorar a escrita acadêmica, outros dão uma chance para o aluno refazer o trabalho acadêmico dando dicas do que pode ser melhorado no trabalho.

Na maioria das vezes, o problema está na educação básica do aluno, que não foi de qualidade, e a sociedade, o senso comum aplica rótulos aos alunos, achando que qualquer problema que surge na vida de um indivíduo, enquanto aluno, é porque ele tem uma deficiência intelectual.

Já Castro (2014), em **Saberes disciplinares para o ensino da escrita no curso de pedagogia da UFRJ**, discorre sobre um projeto criado para aprimorar a escrita dos estudantes do curso de Pedagogia da UFRJ. Projeto este, que contava com a participação de docentes da Faculdade de educação, para que o mesmo fosse realizado. O projeto foi dividido em 3 partes: (1) entender como esses alunos compreendem o ato de escrever, como avaliam sua escrita acadêmica, e que formas esses alunos acreditam que podem ser usadas para o ensino da escrita; (2) entender como os docentes devem avaliar o preparo desses tais estudantes, para uma escrita de qualidade, uma escrita formal, e como os docentes podem solucionar as dificuldades de escrita desses alunos, por meio do trabalho pedagógico, como trabalhar com os resultados do trabalho pedagógico; (3) ligar os dados coletados, para modificar o currículo do curso.

Castro (2014) relacionou dados de um projeto realizado na UFRJ de 2010 a 2014 com sua análise e desenvolveu seu projeto destacando dois aspectos: o perfil socioeconômico-cultural dos estudantes e os elementos básicos do currículo.

O currículo atual vem sendo objeto de estudos sistemáticos na Faculdade de Educação, com vistas à sua reformulação:

No que se refere ao objeto específico da minha pesquisa - relação dos licenciados de Pedagogia com a escrita e o seu ensino - trabalho com o pressuposto de que as intervenções necessárias dar-se-iam fundamentalmente no âmbito da experiência dos estudantes com a escrita. (CASTRO 2014, p. 2)

A conclusão que o pesquisador chegou foi a de que deveria existir uma disciplina para essa escrita acadêmica, amparada pelo docente, para reparar a escrita da educação básica que não foi de qualidade, e buscar novas formas para se trabalhar, ensinar a escrita acadêmica. Fica entendido também que o autor acredita que o aluno aprende a escrever escrevendo, na prática.

Entendo que se, desde a infância, forem trabalhados textos mais complexos, os alunos da rede pública de ensino chegarão na graduação com menos deficiência na escrita acadêmica. Penso que o docente, durante a educação básica, deve mesclar trabalhar textos fáceis e difíceis. E se a família do educando não tem condições de lhe dar esse capital cultural da elite, então as escolas públicas devem oferecer, através de uma educação de qualidade, com docentes qualificados, renovando suas práticas, adaptando o ensino à realidade dos alunos, fornecendo ótimos livros literários para seus alunos, levando para exposições, concertos, promovendo debates em sala de aula, tornando esses alunos reflexivos, oferecendo uma fala mais formal. Para que quando este aluno chegue na universidade, não tenha vontade de sair por se sentir inferior aos demais.

3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISES DOS DADOS

Trago nesta seção, informações e amostras concretas dos dados da minha pesquisa com a minha análise, tendo como base as questões propostas.

RESPOSTAS DA QUESTÃO I	
Enfrentou dificuldades para produzir textos solicitados nas disciplinas? Em caso de resposta afirmativa, que dificuldades foram essas e até que ponto o seu Capital Cultural se relaciona com elas?	
Estudante 1	Sim, principalmente nos primeiros períodos por não estar acostumada a usar certas palavras. Nesta época me sentia mal por muitas vezes não entender o significado da palavra e me considerando inapta pra ocupar aquela vaga na universidade pq muitos colegas de classe entendiam e dialogavam com os professores. Acredito q o conceito de capital cultural das elites q era o predominante no ambiente e o valorizado interferiu bastante.
Estudante 2	Tive muitas dificuldades de produzir textos na faculdade. Creio que um dos problemas era de alinhar todas as ideias e colocar em um papel, ou melhor, em digitar. Outro problema que gostaria de pontuar era a dificuldade de interpretar textos. Por muitas vezes me encontrava chorando, por não entender um determinado contexto e isso me fazia muito mal e sei que isso está relacionado a essa dificuldade de produção.
Estudante 3	Sim. Inicialmente, me deparei com as linguagens utilizadas nos textos, que até então para mim eram desconhecidas. Algumas palavras eu nunca tinha ouvido falar, muito menos o significado. Mais para frente, enfrentei a complexidade dos conceitos, o que exigiu muito mais esforço. Acredito que tive maior dificuldade por não ter entrado em contato anteriormente com conhecimentos vinculados na Universidade.
Estudante 4	Sim. Principalmente por conta da minha trajetória no E.M. Foi muito precário de professores, houveram varias disciplinas que eu tive pela metade por desistência do professor, ou da falta de um. Quando cheguei na faculdade senti bastante dificuldade nos textos, na produção.
Estudante 5	No início da faculdade tive dificuldades para me adaptar à escrita da Academia sim. As minhas dificuldades tanto a ver com a que tenho consciência que a maioria tem no meio. Meu lugar de fala, felizmente, é de alguém que desde a infância foi

	incentivada e introduzida à leitura e outros meios intelectuais pela minha família. No meu caso minha dificuldade foi conseguir escrever de forma mais científica, algo mais próximo do que a academia espera.
Estudante 6	<p>O primeiro período para mim foi o mais difícil na universidade, se adaptar a linguagem e escrita acadêmica não foi fácil. Estudei em escola particular por toda minha vida, mas eram escolas pequenas de bairro, com isso só tive aula de redação no ensino fundamental. Escrever na escola para além de copiar do quadro era raro.</p> <p>Para passar no Enem fiz um curso pré vestibular e ali aprendi a formatação de uma redação para tirarmos nota máxima. Na universidade é requerido que escrevamos o que entendemos, sem plágio, devemos sintetizarmos nosso conhecimento.</p> <p>Para conseguir fazer isto acredito que meu hábito de leitura tenha me ajudado. Minha mãe é professora de educação infantil, com isto fui incentivada a ler desde nova. Na adolescência lia bastante livros e também gostava de pesquisar sobre o que não conhecia. Com isto não tive base na escola para me ajudar a escrita na universidade, mas possuo base de ser uma leitora moderada.</p>
Estudante 7	Sim, enfrentei e ainda enfrento dificuldade em produzir textos acadêmicos, e essas dificuldades estão relacionadas a linguagem e configuração dos textos. Antes de entrar na Universidade, não tive grande contato com essa forma de texto, e hoje, ainda me sinto que essa forma de escrita ainda está distante de uma parte em específico da sociedade.
Estudante 8	A princípio meu Capital Cultural me deu uma surra, porque assim eu não sei usar o computador direito, eu entrei na faculdade depois dos quarenta e poucos anos hoje eu tenho 46, então lidar com essas questões das mídias, das fotos, colocar isso nos textos, arrumar e formatar os textos, lidar com a internet. Eu brinco que pra começar a ler eu preciso ter um lápis e uma caneta na mão, porque eu preciso do texto em impresso pra eu ir marcando fazendo minhas inferências, minhas anotações, ao passo que a maioria dos meus colegas já fazem a leitura pelo celular ou pelo laptop eu ainda enfrento muita dificuldade com isso, o acesso as coisas, por exemplo: eu não tenho impressora em casa, as vezes eu quero um texto pra poder imprimir, pode ver, pra poder ler melhor não tenho.

RESPOSTAS DA QUESTÃO II

Que meios você buscou para enfrentar tais dificuldades?	
Estudante 1	ler e escrever mais, foram as soluções encontradas. Estar em contato com formas de escrita diferentes das que eu lia.
Estudante 2	Tentava buscar ajuda com os amigos que considero “expert”, mas mesmo diante de tanta boa vontade, não conseguia bons resultados. Também entendo que a falta do hábito da leitura me prejudicou bastante. Me cobrava muito pois venho de uma

	<p>família de professores renomados e quando me comparava a eles, acentuava ainda mais essas dificuldades.</p> <p>Quando entrei na faculdade, vi que precisava superar esses limites e não ficar para trás. Sei que existem muitos alunos como eu e que também lutaram e ainda lutam para vencer esses e outros desafios. Porém, mesmo diante tantas dificuldades, não desisti e creio que chegarei a lugares mais altos com persistência e acima de tudo, reconhecendo minhas fraquezas e buscar vencê-las.</p>
Estudante 3	No que se refere à dificuldade com as palavras especificamente, utilizei os dicionários online para buscar os significados. Em se tratando dos conceitos, procurava vídeos que explicassem, em uma linguagem mais acessível, o que eles queriam dizer.
Estudante 4	Acredito que foi buscando amigos próximos que tinham melhores percepções, vinham de Colégios onde puderam ter mais acesso às disciplinas.
Estudante 5	Acredito que o grande facilitador no meu caso foi tentar ler os textos e livros de forma mais esmiuçada, para aprimorar minha escrita e sempre recorria a outros estudantes, monitores e professores para tirar dúvidas.
Estudante 6	Somente com a prática pude aos poucos ir me adaptando. Também conversas com quem já tinha feito outros cursos e estudantes de outros períodos ajudaram a ter maior noção de como prosseguir.
Estudante 7	Os meios que busquei para reverter isso foram ler mais textos e conviver mais nesse ambiente acadêmico. Ainda não sinto que cheguei em um momento de “superação” plena.
Estudante 8	Em fim o meio que eu busquei pra superar isso, foi juntando uma grana, toma um Laptop, enfrentar isso.

RESPOSTAS DA QUESTÃO III

Como, na sua percepção, as referidas dificuldades de escrita podem ser superadas?

Estudante 1	acho importante estar sempre disposto a escrever e ler coisas novas. Os grupos de pesquisa tb ajudam muito neste quesito pq temos sempre alguém supervisionando e orientando na nossa escrita acadêmica.
Estudante 2	<p>Acredito que a Universidade poderia criar um espaço para que os alunos possam, voluntariamente, buscar ajuda. Sei que muitos se sentem desconfortáveis por acharem que isso poderia prejudicar sua “reputação” diante do professor, o que vão pensar deles diante das suas dificuldades. Às vezes, percebo que não há espaço para que sejamos nós mesmos e sim o que a Universidade quer que sejamos.</p> <p>Quando esse espaço é oferecido pela própria Instituição, os alunos entenderão que a maior preocupação não são os resultados, mas dar valor ao percurso até cruzar a linha de</p>

	chegada!
Estudante 3	Acredito que com a prática. Quanto mais leitura, mais apropriação de novo vocabulário. Consequentemente isso transparece na escrita.
Estudante 4	Com grupos de estudo, eu acho que na faculdade é fundamental, principalmente nos primeiros períodos.
Estudante 5	Acredito, até pela minha experiência, que através da leitura e produção de texto acompanhada de um suporte de professores e/ou monitores. Um dos momentos em que mais tive um salto na minha escrita foi antes da faculdade, quando fazia aulas de redação e tutoriais para o Enem. As correções eram bem minuciosas e me ajudaram muito. Os momentos em que mais pude corrigir meus erros foram justamente quando pontuavam na minha escrita os meus erros, o que poderia ser melhor, onde faltou clareza ou embasamento. Acredito que por maior o esforço do aluno, é imprescindível que haja alguém capacitado para tal que esteja disposto a ler e apontar, de forma construtiva, onde ele tem falhado e o que poderia melhorar.
Estudante 6	Acredito que é necessária no primeiro período uma disciplina sobre escrita acadêmica para nos auxiliar. É recorrente nos primeiros períodos reclamações dos professores sobre a escrita da turma, assim acredito que não seja um problema isolado de alguns alunos. Uma medida por parte da universidade é necessária para um melhor desempenho dos estudantes.
Estudante 7	Não posso falar por todos, mas em minha formação escolar, poucas foram as vezes que construí textos como os que encontrei na Universidade. Talvez se essa linguagem tivesse sido mais explorada, tanto na leitura quanto na escrita durante o Ensino Médio, por exemplo, eu não teria encontrado estranheza no Ensino Superior.
Estudante 8	Pra essas dificuldades que é de fato, bastante leitura e observação das normas da ABNT, eu busquei também na internet alguns vídeos que podiam me ajudar de como fazer um Tcc ,roteirizar os meus capítulos, fazer introdução, e que antes de buscar qualquer teórico tem que definir suas perguntas , seus temas de pesquisas.

Análise das entrevistas

As entrevistas foram feitas com oito estudantes do curso de pedagogia, da Faculdade de Educação, estudantes estes que estavam nos períodos finais do curso, durante a disciplina de monografia. Para que essa entrevista ocorresse, tive que solicitar o contato dos alunos, durante as aulas de Monografia, das turmas da manhã e da tarde. As questões das entrevistas foram enviadas pelo Facebook, WhatsApp e e-mail.

A primeira pergunta da entrevista, se divide em 3 partes, conforme o quadro acima. Com relação à primeira parte, que perguntava se o estudante tinha enfrentado dificuldade com a escrita, todos responderam afirmativamente. Na segunda parte, que buscava saber quais eram essas dificuldades, foram obtidas 7 respostas relacionadas ao desconhecimento anterior de textos acadêmicos.

O oitavo estudante da tabela, falou algo bem diferente dos colegas em sua resposta, pois disse que tem dificuldade com o uso da tecnologia, especialmente com o computador. Por fim, na terceira parte que pedia que o estudante relacionasse essas dificuldades com o seu Capital Cultural, apenas 3 estudantes estabeleceram tal relação. O estudante 1 foi bem claro em sua resposta, pois afirmou que o seu Capital Cultural não é o predominante ou de elite. E o estudante 4 respondeu de forma implícita dizendo: que no Ensino Médio houve disciplina pela metade, por desistência do professor, por meio desta fala fica entendido que o ensino não foi de qualidade, e por causa disso quando este aluno chegou na Universidade sentiu bastante dificuldades, para produzir textos acadêmicos, e desta forma percebemos que ele não tem o Capital Cultural da elite, Já o estudante 6 declarou não ter toda uma base escolar, através desta fala também compreendemos que o Capital Cultural deste estudante não é da elite, e por isso gerou essa barreira na escrita no Ensino Superior.

Na segunda questão, que discorre sobre os meios que os estudantes buscaram para superar tais dificuldades na escrita, os estudantes 1, 5 e 7 afirmaram que ler mais foi a solução. Os estudantes 2, 4, 5 e 6 disseram que buscaram ajuda de amigos. Já o estudante 3 fala que buscou ajuda do dicionário on-line, e através de vídeos na internet, que explicavam de forma mais clara o conceito do autor do texto. O estudante 8 fala novamente sobre tecnologia, ele diz: que juntou uma grana e comprou um Laptop.

Na terceira questão, que discorre sobre como poderiam ser solucionadas tais dificuldades na escrita, os estudantes 1, 3, 5 e 8 afirmam: que ler é a solução para essa deficiência na escrita acadêmica. Os estudantes 1 e 5 ainda dão outras dicas para aprimorar essa escrita acadêmica, como escrever mais e buscar auxílio em amigos. Os estudantes 2 e 4 também falam que os alunos devem buscar auxílio em grupos de estudos, “amigos”. Já o estudante 6 afirma que deveria ter uma disciplina sobre a escrita acadêmica. O estudante 7 afirma que essa escrita acadêmica deveria ser trabalhada no ensino médio.

Ao fazer uma análise sobre os comentários dos estudantes, chego à seguinte conclusão: que a maior parte dos estudantes buscaram ajuda de amigos na própria universidade para aprimorar essa escrita acadêmica, e compreendi também que deveria existir na Faculdade de Educação, no curso de pedagogia, uma disciplina obrigatória ou optativa do ensino da escrita acadêmica, desde o primeiro período da graduação, e poderia acompanhar o estudante até o último período da faculdade, essa disciplina ensinaria por etapas como escrever de forma acadêmica.

Percebi que a falta de familiaridade com a categoria “Capital Cultural” foi algo que contribui para a não clareza das respostas de alguns estudantes, na terceira parte da primeira pergunta, durante as entrevistas. Acredito que o conceito “Capital Cultural” não está sendo compreendido de forma ampla pelos estudantes. Talvez pelo fato desses alunos não terem um entendimento de que esse Capital Cultural da elite, seja mais aprimorado, e que não vem somente de berço, mais também das intuições de ensino. Onde abarcar, a linguagem, conhecimento, habilidade, informações e dentre outros, cultura essa que são próprias do meio onde vivem, Capital Cultural esse hegemônico, onde a classe mais favorecida lidera sobre a classe menos favorecida, gerando desigualdades sociais.

Na educação escolar, e na Universidade Pública esse aluno pobre fica em desvantagem em seus estudos, pois não tem essa linguagem, habilidades, conhecimentos e informações das classes mais favorecida. Essa desigualdade na Universidade Pública é percebida, por meio de uma escrita não formal, sem clareza, sem estrutura.

Thiry-Cherques (2006) traz essa questão da reprodução do Capital cultural da elite inserida no ensino:

Essas lutas resultam da tendência de todo campo de se reproduzir. Por exemplo, o sistema de ensino é visto por Bourdieu como empreendimento da cultura de classe. Ele sustentou que a cultura escolar, dominada pela cultura burguesa através dos códigos comportamentais, linguístico e intelectual, reproduz as ilusões (illusio) necessárias ao funcionamento e à manutenção do sistema: as crenças compartilhadas em um grupo. (THIRY-CHERQUES 2006, p. 38)

Fica nítido também nas entrevistas, que apenas 3 estudantes souberam desenvolver melhor uma resposta sobre a questão do Capital Cultural, mesmo que de forma implícita. Compreendo também, que a escrita acadêmica não está inserida na vida desses estudantes entrevistados, e que a falta dessa escrita formal, geraram grandes barreiras para o seu desempenho acadêmico.

Para Thiry-Cherques (2006):

Bourdieu sustenta que os agentes e instituições dominantes tendem a inculcar a cultura dominante, de modo a reproduzir o habitus, as desigualdades sociais nas maneiras de falar, de trabalhar, de julgar (Dubet, 1998:46). Para ele a família, a escola, o meio não só reproduzem as desigualdades sociais, como legitimam inconscientemente esta reprodução. São aparelhos de dominação. (THIRY-CHERQUES 2006, p. 38)

Esses estudantes buscaram formas para melhorar sua escrita, através de amigos, professores, lendo mais, por meio de buscas pela internet. Entretanto mesmo com essa ajuda, muitos alunos não sentem que possuem uma escrita acadêmica ainda.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar a pesquisa surgiu a necessidade de estudar de forma aprofundada sobre as dificuldades de escrita, enfrentadas pelos alunos da Faculdade de Educação, do curso de pedagogia, dificuldades essas de produzir e interpretar textos acadêmicos. A partir dessa dificuldade, foi traçado os objetivos que eram:

1. Investigar que relação os estudantes estabeleciam entre o Capital Cultural, com o qual ingressaram no curso de pedagogia e a leitura acadêmica.

2. Identificar que meios eles buscaram para enfrentar as dificuldades da leitura, e da escrita acadêmica.

E após a realização da pesquisa verificou-se, que os objetivos foram alcançados em parte, porque em relação a primeira parte da primeira pergunta, que indagava se o aluno enfrentou dificuldades, para produzir textos solicitados, nas disciplinas? Os alunos não tiveram dificuldade para responder. Já na segunda parte, da primeira pergunta que falava: que dificuldades foram essas, e até que ponto o seu Capital Cultural se relaciona com elas? Apenas 3 estudantes conseguiram fazer tal relação com o Capital Cultural.

O estudante 1 foi bem claro em sua resposta, pois afirmou que o seu Capital Cultural não é o predominante ou de elite. E o estudante 4 respondeu de forma implícita dizendo: que no Ensino Médio houveram disciplina pela metade, por desistência do professor, por meio desta fala fica entendido que o ensino não foi de qualidade, e por causa disso quando este aluno chegou na Universidade sentiu bastante dificuldades para produzir textos acadêmicos, e desta forma percebemos que ele não tem o Capital Cultural da elite, Já o estudante 6 declarou não ter toda uma base escolar, através desta fala também compreendemos que o Capital Cultural deste estudante não é da elite, e por isso gerou essa barreira em seu ensino.

A segunda questão que perguntava: Que meios você buscou para enfrentar tais dificuldades? Os alunos responderam: Ler mais, escrever mais, através grupos de estudos, etc. Apenas o oitavo aluno não foi claro em sua resposta, dizendo: que o meio que ele buscou para superar, foi juntando uma grana, tomando um laptop.

Já na terceira questão que perguntava: Como na sua percepção, as referidas dificuldades de escrita podem ser superadas? Todos alunos foram claros em suas respostas, dando vários exemplos, de como superar as dificuldades na escrita: Ler mais, escrever mais, através de grupos de estudos, falaram que no ensino médio deveria trabalhar com esses tipos de textos acadêmicos, que o ensino desta escrita deveria ser trabalhado na própria Universidade, e que na faculdade deveria oferecer uma disciplina de escrita desde o primeiro período, suporte de professores e monitores durante a produção de texto.

O estudo foi realizado por meio de uma hipótese, de que os alunos tinham mais dificuldades para produzir textos acadêmicos. Através deste trabalho, verificou-se que a hipótese foi confirmada, porque todos os alunos afirmaram que tinham dificuldades para produzir textos acadêmicos.

O problema da pesquisa foi respondido, pois fica claro que as dificuldades enfrentadas pelos estudantes para produzir textos acadêmicos, ocorrem por causa da falta do “Capital Cultural ” em que traz a questão da hegemonia, onde a classe mais favorecida exerce uma liderança sobre a classe popular, se sobressaindo nos estudos, e desta forma acaba gerando desigualdades sociais entre os indivíduos.

Em seu texto Pies (2011, p. 41), afirmar que para Bourdieu:

A cultura da elite é tão próxima da cultura escolar que as crianças originária de um meio pequeno burguês não podem adquirir, senão penosamente , o que é herdado pelos filhos das classes cultivadas: o estilo , o bom-gosto, o talento, síntese, essas atitudes e aptidões que só parecem naturais e naturalmente exigíveis dos membros da classe Cultivada, porque constituem a cultura dessa (BOURDIEU, 1998, p. 55).

A metodologia foi eficaz, pois a maioria dos estudantes que contribuíram com minha pesquisa, mesmo tendo um pouco de dificuldade para compreender as questões, conseguiram responder boa parte das mesmas. Como o tempo para realização das entrevistas foi muito curto, não dava tempo para entrevistar estudantes de outros períodos. Por isso limitei a quantidades de estudantes, para a realização desta pesquisa, entrevistando somente alunos da turma da manhã e tarde, da disciplina monografia, do curso de pedagogia.

As recomendações que faço são que outros pesquisadores que vão trabalhar com este tema, busquem informações detalhadas de como foi o processo percorrido da educação básica, e como está sendo a educação superior desses estudantes também. Tendo como base para esta pesquisa, estudantes de outros períodos do curso de pedagogia, não só alunos da disciplina de monografia, do oitavo período

Este trabalho ampliou meu conhecimento sobre a escrita acadêmica de na Universidade, e acredito que terá uma grande contribuição para o meio acadêmico.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Marcelo Macedo Corrêa. Saberes disciplina para o ensino da escrita no curso de pedagogia da UFRJ. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, Portugal 2014.

CORRÊA, Priscila Monteiro. Os desafios enfrentados por alunos do curso de pedagogia na relação com a leitura e com a escrita na universidade. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, v.6, n. 12, agosto/dezembro de 2011.

PIES, Neri Gervasio. **Capital cultural e educação em Bourdieu**. Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2011. Disponível em:
<<http://tede.upf.br/jspui/bitstream/tede/706/1/2011NeriGervasioPies.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. **Pierre Bourdieu: a teoria na prática**. Revista de Administração Pública, Rio de Janeiro, vol. 40 n° 1, Jan./Fev. 2016.
<<https://www.scielo.br/pdf/rap/v40n1/v40n1a03.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

- **ANEXO TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS**

LEIA A SEGUINTE DEFINIÇÃO DE CAPITAL CULTURAL ANTES DE RESPONDER ÀS QUESTÕES.

- **CAPITAL CULTURAL**

O conceito de Capital Cultural- etimologicamente o mesmo que o cabedal ou conjunto de bens- é complexo. Além do econômico, que compreende a riqueza material, o dinheiro, as ações etc.(bens, patrimônio, trabalho), o capital cultural, que compreende o conhecimento, as habilidades, as informações e etc, corresponde ao conjunto de qualificações intelectuais produzidas e transmitidas pela família, e pelas instituições escolares, sob três formas: o estado incorporado, como disposição durável do corpo(por exemplo, a forma de se apresentar em público); o estado objetivo, como posse de bens culturais (por exemplo a posse de obras de arte); estado institucionalizado, sancionado pelas instituições, como os títulos acadêmicos; o capital social, corresponde ao conjunto de acessos sociais, que compreende o relacionamento e a rede de contatos; o capital simbólico, correspondente ao conjunto de rituais de reconhecimento social, e que compreende o prestígio, a honra etc. O capital simbólico é uma síntese dos demais (cultura, economia e social).

As formas de capital são conversíveis umas nas outras, por exemplo o capital econômico pode ser convertido em capital simbólico e vice-versa. (Bourdieu,1984:114).

- **QUESTÕES DA ENTREVISTA**

- 1- **ENFRENTOU DIFICULDADES PARA PRODUZIR TEXTOS SOLICITADOS NAS DISCIPLINAS? EM CASO DE RESPOSTA AFIRMATIVA, QUE DIFICULDADES FORAM ESSAS E ATÉ QUE PONTO O SEU CAPITAL CULTURAL SE RELACIONA COM ELAS?**

2- QUE MEIOS VOCÊ BUSCOU PARA ENFRENTAR TAIS DIFICULDADES?

3- COMO, NA SUA PERCEPÇÃO, AS REFERIDAS DIFICULDADES DE ESCRITA PODEM SER SUPERADAS?

- **ESTUDANTE 1**

1- sim, principalmente nos primeiros períodos por não estar acostumada a usar certas palavras. Nesta época me sentia mal por muitas vezes não entender o significado da palavra e me considerando inapta pra ocupar aquela vaga na universidade pq muitos colegas de classe entendiam e dialogavam com os professores. Acredito q o conceito de capital cultural das elites q era o predominante no ambiente e o valorizado interferiu bastante.

2- ler e escrever mais, foram as soluções encontradas. Estar em contato com formas de escrita diferentes das q eu lia.

acho importante estar sempre disposto a escrever e ler coisas novas. Os grupos de pesquisa tb ajudam muito neste quesito pq temos sempre alguém supervisionando e orientando na nossa escrita acadêmica.

- **ESTUDANTE 2**

R: Tive muitas dificuldades de produzir textos na faculdade. Creio que um dos problemas era de alinhar todas as ideias e colocar em um papel, ou melhor, em digitar. Outro problema que gostaria de pontuar era a dificuldade de interpretar textos. por muitas vezes me encontrava chorando, por não entender um determinado contexto e isso me fazia muito mal e sei que isso está relacionado a essa dificuldade de produção. Tentava buscar ajuda com os amigos que considero “expert”, mas mesmo diante de

tanta boa vontade, não conseguia bons resultados. Também entendo que a falta do hábito da leitura me prejudicou bastante. Me cobrava muito pois venho de uma família de professores renomados e quando me comparava a eles, acentuava ainda mais essas dificuldades.

Quando entrei na faculdade, vi que precisava superar esses limites e não ficar para trás.

Sei que existem muitos alunos como eu e que também lutaram e ainda lutam para vencer esses e outros desafios. Porém, mesmo diante tantas dificuldades, não desisti e creio que chegarei a lugares mais altos com persistência e acima de tudo, reconhecendo minhas fraquezas e buscar vencê-las.

Acredito que a Universidade poderia criar um espaço para que os alunos possam, voluntariamente, buscar ajuda. Sei que muitos se sentem desconfortáveis por acharem que isso poderia prejudicar sua “reputação” diante do professor, o que vão pensar deles diante das suas dificuldades. Às vezes, percebo que não há espaço para que sejamos nós mesmos e sim o que a Universidade quer que sejamos.

Quando esse espaço é oferecido pela própria instituição, os alunos entenderão que a maior preocupação não são os resultados, mas dar valor ao percurso até cruzar a linha de chegada!

• ESTUDANTE 3

1- Sim. Inicialmente, me deparei com as linguagens utilizadas nos textos, que até então para mim eram desconhecidas. Algumas palavras eu nunca tinha ouvido falar, muito menos o significado. Mais para frente, enfrentei a complexidade dos conceitos, o que exigiu muito mais esforço. Acredito que tive maior dificuldade por não ter entrado em contato anteriormente com conhecimentos vinculados na Universidade.

2- No que se refere à dificuldade com as palavras especificamente, utilizei os dicionários online para buscar os significados. Em se tratando dos conceitos, procurava vídeos que explicassem, em uma linguagem mais acessível, o que eles queriam dizer.

3- Acredito que com a prática. Quanto mais leitura, mais apropriação de novo vocabulário. conseqüentemente isso transparece na escrita.

• **ESTUDANTE 4**

1- Sim. Principalmente por conta da minha trajetória no E.M

Foi muito precário de professores, houveram varias disciplinas que eu tive pela metade por desistência do professor, ou da falta de um

Quando cheguei na faculdade senti bastante dificuldade nos textos, na produção.

2- Acredito que foi buscando amigos próximos que tinham melhores percepções, vinham de Colégios onde puderam ter mais acesso às disciplinas.

3- Com grupos de estudo, eu acho que na faculdade é fundamental, principalmente nos primeiros períodos.

• **ESTUDANTE 5**

No início da faculdade tive dificuldades para me adaptar à escrita da Academia sim. As minhas dificuldades tanto a ver com a que tenho consciência que a maioria tem no meio. Meu lugar de fala, felizmente, é de alguém que desde a infância foi incentivada e introduzida à leitura e outros meios intelectuais pela minha família. No meu caso minha dificuldade foi conseguir escrever de forma mais científica, algo mais próximo do que a academia espera.

2- Acredito que o grande facilitador no meu caso foi tentar ler os textos e livros de forma mais esmiuçada, para aprimorar minha escrita e sempre recorria a outros estudantes, monitores e professores para tirar dúvidas.

3- Acredito, até pela minha experiência, que através da leitura e produção de texto acompanhada de um suporte de professores e/ou monitores. Um dos momentos em que mais tive um salto na minha escrita foi antes da faculdade, quando fazia aulas de redação e tutoriais para o Enem. As correções eram bem minuciosas e me ajudaram muito. Os momentos em que mais pude corrigir meus erros foram justamente quando pontuavam na minha escrita os meus erros, o que poderia ser melhor, onde faltou clareza ou embasamento. Acredito que por maior o esforço do aluno, é imprescindível que haja alguém capacitado para tal que esteja disposto a ler e apontar, de forma construtiva, onde ele tem falhado e o que poderia melhorar.

• ESTUDANTE 6

1-Enfrentou dificuldades para produzir textos solicitados nas disciplinas? Em caso de resposta afirmativa, que dificuldades foram essas e até que ponto o seu Capital Cultural se relaciona com elas?

O primeiro período para mim foi o mais difícil na universidade, se adaptar a linguagem e escrita acadêmica não foi fácil. Estudei em escola particular por toda minha vida, mas eram escolas pequenas de bairro, com isso só tive aula de redação no ensino fundamental. escrever na escola para além de copiar do quadro era raro. não tinham

Para passar no Enem fiz um curso pré vestibular e ali aprendi a formatação de uma redação para tirarmos nota máxima. Na universidade é requerido que escrevamos o que entendemos, sem plágio, devemos sintetizarmos nosso conhecimento.

Para conseguir fazer isto acredito que meu hábito de leitura tenha me ajudado. Minha mãe é professora de educação infantil, com isto fui incentivada a ler desde nova. Na adolescência lia bastante livros e também gostava de pesquisar sobre o que não

conhecia. Com isto não tive base na escola para me ajudar a escrita na universidade, mas possuí base de ser uma leitora moderada.

2- Que meios você buscou para enfrentar tais dificuldades?

Somente com a prática pude aos poucos ir me adaptando. Também conversas com quem já tinha feito outros cursos e estudantes de outros períodos ajudaram a ter maior noção de como prosseguir.

3-Como, na sua percepção, as referidas dificuldades de escrita podem ser superadas?

Acredito que é necessária no primeiro período uma disciplina sobre escrita acadêmica para nos auxiliar. É recorrente nos primeiros períodos reclamações dos professores sobre a escrita da turma, assim acredito que não seja um problema isolado de alguns alunos. Uma medida por parte da universidade é necessária para um melhor desempenho dos estudantes.

- **ESTUDANTE 7**

1-Sim, enfrentei e ainda enfrento dificuldade em produzir textos acadêmicos, e essas dificuldades estão relacionadas a linguagem e configuração dos textos. Antes de entrar na Universidade, não tive grande contato com essa forma de texto, e hoje, ainda me sinto que essa forma de escrita ainda está distante de uma parte em específico da sociedade.

2-Os meios que busquei para reverter isso foram ler mais textos e conviver mais nesse ambiente acadêmico. ainda não sinto que cheguei em um momento de “superação” plena.

3- Não posso falar por todos, mas em minha formação escolar, poucas foram as vezes que construí textos como os que encontrei na Universidade. Talvez se essa linguagem tivesse sido mais explorada, tanto na leitura quanto na escrita durante o Ensino Médio, por exemplo, eu não teria encontrado estranheza no Ensino Superior.

• ESTUDANTE 8

1- A principio meu Capital Cultural me deu uma surra, porque assim eu não sei usar o computador direito, eu entrei na faculdade depois dos quarenta e poucos anos hoje eu tenho 46, então lidar com essas questões das mídias, das fotos, colocar isso nos textos, arrumar e formatar os textos, lidar com a internet. Eu brinco que pra começar a ler eu preciso ter um lápis e uma caneta na mão, porque eu preciso do texto em impresso pra eu ir marcando fazendo minhas inferências, minhas anotações, ao passo que a maioria dos meus colegas já fazem a leitura pelo celular ou pelo lep top eu ainda enfrento muita dificuldade com isso, o acesso as coisas, por exemplo: eu não tenho impressora em casa, as vezes eu quero um texto pra poder imprimir, pode ver, pra poder ler melhor não tenho.

2-Em fim o meio que eu busquei pra superar isso, foi juntando uma grana, toma um Laptop, enfrentar isso.

3-Pra essas dificuldades que é de fato, bastante leitura e observação das normas da ABNT, eu busquei também na internet alguns vídeos que podiam me ajudar de como fazer um Tcc, roteirizar os meus capítulos, fazer introdução, e que antes de buscar qualquer teórico tem que definir suas perguntas , seus temas de pesquisas.

Obs: Os erros ortográficos, das entrevistas dos estudantes não foram corrigidos